

Escola Moderna

N.º 1 • 6.º série • 2013



Índice

7	Editorial	<i>Sérgio Niza</i>
9	A aprendizagem da matemática numa sala de educação pré-escolar: primeiros desafios	<i>Manuela Guedes</i>
19	Partilha de saberes através da correspondência, no jardim de infância	<i>Fátima Candeias e Isabel Reis</i>
26	Escrever e ler no trabalho em projetos: o percurso de uma turma de 1.º ano	<i>Joana Duarte</i>
37	Gestão cooperada das aprendizagens: da avaliação às estratégias de superação de dificuldades	<i>Francisco Valadão</i>
51	O trabalho coletivo participado em debate	<i>Inácia Santana</i>
59	O trabalho participado pela turma: apresentação e discussão de problemas	<i>Vanessa Almeida</i>
64	A escrita como um processo de aprendizagem	<i>Marina Canuto</i>
76	Na escola, com as pessoas da escola (voltando ao “velho” diário profissional)	<i>Pascal Paulus</i>

84		
Desenvolvimento profissional num grupo cooperativo <i>online</i>		<i>Carmen Correia</i>
98		
A produção escrita dos professores e a prática educativa		<i>Ivone Niza</i>
110		
A escrita de professores: construção do conhecimento a partir das práticas		<i>Clara Rolo</i>
120		
A importância de uma educação científica para todos		<i>Olga Alves</i>
150		
No centenário de João dos Santos: como se cria um mestre		<i>Sérgio Niza</i>

Editorial

Sérgio Niza

A partir deste ano alteramos de novo a edição da revista e, por isso, iniciamos uma nova série, que corresponde à sexta modificação.

Os três números anuais fundem-se agora em um só volume, uma espécie de anais de relatos, documentação teórica e de reflexões ensaísticas que fomos produzindo ao longo deste ciclo temporal e com o mesmo número de páginas que constituíam os três números anuais da 5.^a série.

Reduziu-se levemente a dimensão para a aproximarmos de um livro e torná-la mais manejável, sem alterações especiais na composição gráfica que continuamos a considerar um dos nossos sinais de identificação.

Em suma, não traímos o compromisso. Mantivemos a quantidade de páginas, melhoramos as condições de acesso em duplo suporte (on-line e impresso) e pudemos fazer algumas economias, em tempos de empobrecimento decretado.

No centenário do nascimento de João dos Santos

Nos primeiros anos da República, nascia João dos Santos. Em 15 de setembro de 1913. Foi um dos sócios do MEM que primeiro aderiram à sua oficialização notarial em 1976. Era uma adesão naturalmente esperada, pela sua participação na gênese do que veio a tornar-se um *movimento português de escola moderna*.

Alguns de nós fomos seus alunos nos cursos de aperfeiçoamento profissional de professores, no Sindicato Nacional de Professores,

promovidos por Rui Grácio entre 1963 e 1966. Outros trabalharam com ele sobretudo no Centro Infantil Helen Keller ou acompanharam a sua multimoda intervenção pública de educação para a saúde mental, em campanha antecipada para o desenvolvimento humano, num mundo mais acolhedor e sustentável.

Tratando-se de um homem tão empreendedor que inspirou e orientou numerosas instituições de saúde e de educação, não é de estranhar que algumas designações usadas no seu tempo pareçam, aos olhos de hoje, contrariar as suas próprias ideias. É o risco, também, de se ter adiado tanto a edição dos seus textos inéditos, mais vinculados à ação quotidiana e à sua luta pela afirmação e desocultação de tantas vidas, imerecidamente ignoradas até então.

É, também, por isso, que importa falar dele e regressar à sua obra, principalmente aos escritos de participação pública, tal como os dois volumes de ensaios de educação, onde, como higienista mental, e num esforço de educação para a saúde, revela toda a força da sua invulgar capacidade de usar a língua como instrumento ímpar de comunicação transformadora.

É à luz da futuridade de tantas das ideias de João dos Santos que a sua tardia conceção de uma pedagogia terapêutica de inspiração dinâmica se apresenta como um retorno extemporâneo de sinal médico-pedagógico, com o qual quisera romper com superior clarividência, ao afastar-se das práticas médico-pedagógicas de Vitor Fontes.

É a mesma posição de rutura epistemológica com o modelo médico-pedagógico e anteci-

pando o modelo educacional contemporâneo que, em texto a propósito do centenário de Anne Sullivan, nos adverte que para as crianças em desvantagem “a sua educação não deve ser considerada como uma educação especial, mas como a educação em que a comunicação, estando dificultada, nos leva a aprofundar os princípios e métodos essenciais de toda a pedagogia, de toda a teoria da educação” (1966, p. 620).

A paixão com que a família e algumas das instituições que ajudou a erguer agora o lembram deve ser posta em relevo, neste desencan-

tado país e na hora devastadora que nos arrasta para uma tão injusta condição.

Quero acreditar que João dos Santos, que tanto trabalhou para romper “as noites de silêncio” de muita gente, nos poderia continuar a lembrar hoje, como o fez num dos seus escritos de 1966, ao evocar as palavras de Helen Keller, do livro *A porta aberta*:

“Quando uma porta de felicidade se fecha, uma outra se abre; mas muitas vezes olhamos tanto para a porta fechada que não vemos a outra que se abriu para nós.” (2013, p. 620)¹

¹ Santos, J. (2013). Pedagogia e Psicoterapia – a propósito do centenário de Anne Sullivan (1966). In *Prevenir a Doença e promover a Saúde*. Lisboa: Coisas de Ler.